

Polivoz: Uma Experiência de Webradiojornalismo com Práticas Educomunicativas em Ambiente Formal de Ensino Para o Fortalecimento do Jornalismo¹

Andrea TRIGUEIRO²
Davi Saboya BARRETTO³
Milena Cavalcanti LIRA⁴
Rossini Pereira GOMES⁵
Jefte Fernando de Amorim BARBOSA⁶
Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Este trabalho pretende analisar o processo de produção do programa de rádio Polivoz, desenvolvido por alunos de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, no Recife. Para isso são apresentadas as práticas e alicerces teóricos empregados no desenvolvimento do programa, a partir das técnicas de webradiojornalismo nas disciplinas de Radiojornalismo II e III. As bases teóricas para análise desta experiência educacional estão calcadas nas pesquisas de Paulo Freire e Ismar de Oliveira Soares, e no contexto da transmídia pesquisado por Henry Jenkins. O Polivoz é uma experiência de ensino de radiojornalismo com práticas educacionais em ambiente formal de educação, que contribui para o fortalecimento do Jornalismo na formação dos estudantes, através de experiências comunicacionais contemporâneas e leitura crítica de mídia.

Palavras-chave: Educação; Comunicação; Educomunicação; Radiojornalismo; Webradiojornalismo

1. Introdução: um produto transmídia no webradiojornalismo

O programa de rádio Polivoz foi uma experiência desenvolvida na disciplina de Radiojornalismo III, com estudantes de quarto e quinto períodos do curso de Comunicação

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação (PPGCOM-UFPE), Mestre em Educação Matemática e Tecnológica (EDUMATEC-UFPE) e professora do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: trigueiroandrea@gmail.com

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Jornalismo (Unicap), email: davisaboya@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Jornalismo (Unicap), email: milenac.lira@outlook.com

⁵ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Jornalismo (Unicap), email: rossinigomes01@gmail.com

⁶ Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex/UFRPE) e jornalista. E-mail: jefte@comunicacaodialogica.com

Social/Habilitação em Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), situada no Recife. O Polivoz envolveu 20 estudantes e foi desenvolvido em dois semestres consecutivos.

O primeiro Polivoz foi ao ar em 04/09/2014, e em sua “primeira temporada” foi produzido semanalmente, na lógica do jornalismo especializado, com temáticas específicas como Educação, Cultura e Saúde, em sistema de rodízio nas funções de repórteres, produtores e apresentadores. O objetivo foi permitir a experimentação das rotinas de produção em radiojornalismo nas suas diversas funções. Naquele primeiro semestre foram produzidas, como primeira atividade, vinhetas e spots do programa. Em seguida eram elaborados os conteúdos das matérias de acordo com técnicas que permitiram aos alunos aprimorar apuração, entrevista, texto, edição e locução.

A segunda temporada, desenvolvida no semestre seguinte pelo mesmo grupo, teve como proposta avançar no aprimoramento das técnicas de radiojornalismo com a produção de grandes coberturas jornalísticas de dois eventos da área de Comunicação: o Encontro Nordestino pelo Direito à Comunicação (ENDC) e a Semana de Comunicação Pública. Desta vez com uso das mídias sociais e produção de conteúdo para a web, como propõe a ementa da disciplina de Radiojornalismo III. A partir das temáticas dos dois eventos, os estudantes concluíram que a Comunicação Social na contemporaneidade demanda um modelo de Jornalismo que se apresente de forma participativa e democrática. Neste momento da experiência, contextualizada no seio da cibercultura, foram produzidos conteúdos transmídia para as redes sociais, quais sejam, Facebook e Instagram, com a publicação de fotos, vídeos, textos e áudios.

O celular foi o principal meio utilizado pelos estudantes para gravação e edição dos conteúdos, aproveitando, como propôs Freire (1998), o contexto que lhes é familiar – neste caso, a cibercultura. Tal fato nos leva ao que diz Jenkins (2006) sobre o celular, ao afirmar que o aparelho não tem mais as chamadas como uso primário e que a convergência que vivemos atualmente começa nas próprias mídias. Esse processo, e a discussão dele em sala, levaram os alunos a perceberem, através da práxis, as transformações do rádio atual, pontuadas por Nélia Del Bianco (2009), Luiz Artur Ferraretto (2010) e Eduardo Meditsch (2007; 2010). Este último chega a destacar que:

Na língua portuguesa, o jornalismo produzido e veiculado pelo rádio tem sido designado geralmente como radiojornalismo. O termo radiojornalismo, originalmente, remete à palavra impressa e embora historicamente a tenha superado, com a transposição da atividade aos meios eletrônicos, essa mudança não se fez sem que trouxesse, em sua

esteira, uma série de tradições, normas, hábitos e técnicas daquele outro tipo de suporte material. Na medida, porém, em que os novos suportes modificaram a atividade, a fixação na designação anterior – o congelamento do conceito – por vezes obscurece as diferenças estabelecidas nessa mutação. O rádio informativo não é apenas um novo canal para a mesma mensagem do jornalismo, é também um jornalismo novo, qualitativamente diferente, e a designação diversa procura dar conta dessa transformação (MEDITSCH, 2007, p. 30)

Tal processo trouxe relevante contribuição para os alunos uma vez que permitiu a reflexão e o debate sobre a importância da democratização da comunicação, tema recorrente nos cursos de Jornalismo e presente nos dois eventos que foram a fonte dos programas especiais. Durante os debates, foi possível observar nas falas o exercício e o amadurecimento do pensamento articulado em ideias, posicionamentos e propostas de debates aprofundados sobre os assuntos que permeiam o contexto da Comunicação, como concentração da mídia, oligopólios e monopólios midiáticos, participação da sociedade nos meios de comunicação de massa, entre outros. A partir dessa experiência, também se observou a apropriação de técnicas do webradiojornalismo, evidenciando o desenvolvimento das habilidades previstas para o curso de Jornalismo em consonância com as atuais demandas sociais e culturais do fazer jornalístico.

Se de um lado o caráter educomunicativo do processo foi primordial para o aprofundamento da reflexão teórica e compreensão dos temas propostos na ementa, de outro, o uso dos elementos da cibercultura, na qual os estudantes estão imersos, foi imprescindível para o trabalho e contextualização do radiojornalismo contemporâneo. Além disso, o rodízio de funções propiciou aos alunos muito mais apropriação da diversidade de habilidades e possibilidades de atuação profissional oferecidas pela atividade profissional do Jornalismo atual. Tal indicativo revela o quanto se faz necessária uma abordagem de ensino de comunicação que empodere o estudante e o nutra de possibilidades de aprendizagem não apenas no espaço formal de aprendizagem, mas também fora da sala de aula, garantindo seu aperfeiçoamento profissional e melhor compreensão das demandas e transformações sociais, culturais e mercadológicas que vive.

Tais características ganham ainda mais peso uma vez que os estudantes estão cada vez mais mergulhados em um momento histórico em que:

Um único meio físico - sejam fios, cabos ou ondas - pode transportar os serviços que no passado eram oferecidos separadamente. De modo inverso, um serviço que no passado era oferecido por um único meio - seja a radiodifusão, a imprensa ou a telefonia - agora pode ser oferecido de várias formas físicas diferentes. Assim, a relação um a um que existia entre um meio de comunicação e seu uso está corroendo (JENKINS, 2006, p. 35)

2. O processo de produção do Polivoz: uma experiência educomunicativa

Os estudiosos do campo da Educomunicação defendem um processo educacional capaz de favorecer o protagonismo e a emancipação das pessoas através de experiências dialógicas que se configurem como uma opção ao modelo educacional vigente. Um dos principais defensores dessa perspectiva é Ismar de Oliveira Soares, para quem a Educomunicação é:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádios educativas, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros coordenadores de educação à distância ou e-learning, e outros (SOARES, 2000, p. 115)

Nos espaços acadêmicos formais, o que se observa é que ainda é incipiente o uso dos princípios educomunicacionais, que são definidos por Soares (2000): a) a promoção do acesso democrático à produção e à difusão de informação e b) a facilitação do ensino-aprendizagem por meio do uso criativo dos meios de comunicação. Por essa razão, a experiência do Polivoz é relevante para o campo, uma vez que configura a prática desses princípios no espaço formal da Universidade.

Esse novo campo de atuação educomunicativo tem ligação direta com a perspectiva de compartilhar, trocar e de se relacionar. Neste sentido, esse debate se aproxima do trabalho de teóricos da educação, como Paulo Freire que definiu a comunicação como aspecto fundamental das relações humanas. Em seus estudos, Freire (1981) defende como premissa para haver conhecimento de fato uma relação igualitária e dialogal entre os sujeitos. “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1981, p. 78), define o autor.

Durante a experiência educomunicativa do Polivoz foi possível perceber a facilitação para a existência de um ecossistema comunicativo⁷, com a participação ativa dos sujeitos, respeito à diversidade de opiniões em que todos e todas são ouvidos, têm garantido o direito à fala e ao exercício da reflexão sobre o fazer proposto por Paulo Freire (2008),

⁷ A expressão ecossistema comunicativo foi utilizada inicialmente por Jesus-Martín Barbero (1997), sobre meios e tecnologias e foi transposta para o conceito de Educomunicação. A expressão abarca os diversos atores envolvidos em uma prática educomunicativa e seus espaços de interação.

para quem “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2008, p. 22).

Tanto os programas temáticos produzidos no primeiro semestre da disciplina Radiojornalismo II quanto as duas grandes coberturas especiais feitas durante o Encontro Nordestino pelo Direito à Comunicação e a Semana de Comunicação Pública, vivenciadas na disciplina de Radiojornalismo III, foram marcados pela autonomia na tomada de decisão e debates durante todo o processo.

No segundo semestre, consolidadas as práticas de radiojornalismo e ainda desvendando o webradiojornalismo, os alunos foram divididos em equipes com, em média, 11 repórteres de rádio, 3 social media, 1 produtor e 3 apresentadores. A cobertura dos dois eventos foi realizada em tempo real nas redes sociais com a produção de *flashes*, textos, fotos, entrevistas e vídeos, sejam eles do evento ou mesmo da preparação do programa final.

A internet foi essencial nesse processo não só para a publicação, visto que além das reuniões de pauta semanais, nas quais foram decididos os temas, tarefas e deadline, foi criado um grupo secreto no Facebook para discutir as pautas e, na sequência, os textos produzidos e que eram editadas entre os alunos com a mediação da professora – o que facilitou a comunicação interna, pois foi neste espaço onde os alunos e a professora inseriram suas dúvidas, sugestões, críticas e observações sobre o que era postado. Foi do grupo secreto do Facebook que nasceram as dinâmicas de produção dia após dia.

Em todas as produções, o produto final do Polivoz foi um programa de rádio com 50 minutos de duração, ao vivo, com vinhetas, spots, reportagens, quadros fixos e entrevista de estúdio ao vivo. No entanto, o uso das redes sociais permitiu uma vivência prática de convergência midiática, ressaltando, assim, o papel da internet nas novas formas do fazer Jornalismo. Com isso, também foi verificada uma série de possibilidades que as mídias sociais propõem para a atuação do profissional no mercado.

A experiência também possibilitou o contato com as dinâmicas do mundo profissional. O início da produção das edições especiais do Polivoz foi feito através de uma entrevista coletiva com os organizadores do evento para que surgissem as pautas. Esse foi o momento em que os estudantes se apropriaram da temática para, então, se dividirem entre as tarefas de repórteres, social media, apresentadores e produtores. Não havia a função do editor, pois a proposta era que a versão final do texto fosse conquistada de forma colaborativa, em um processo de ensino e aprendizagem mútuo no qual a hierarquia era

horizontalizada com base nos preceitos das práticas educacionais mediadas pela professora. Tal conduta, calcada nos ensinamentos de Freire (1998), pode ser sintetizada na fala de Jenkins: “nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades” (JENKINS, 2006, p. 28).

O passo seguinte à coletiva foi a reunião de pauta, realizada com os alunos e mediada pela professora, onde as funções do programa e as pautas e funções foram divididas. A escolha das funções e das pautas a serem cumpridas seguiu a lógica das aptidões e disponibilidades de cada um, com o encorajamento à experimentação. O encaminhamento das matérias foi feito através da discussão em sala de aula sobre as principais temáticas em torno dos assuntos com base em critérios de noticiabilidade.

Enquanto os repórteres cuidavam da apuração e produção de suas respectivas matérias, tendo o espaço do grupo secreto do Facebook para tirar dúvidas, a equipe das redes sociais criou e alimentou as páginas nos perfis do Facebook⁸ e do Instagram⁹, além da criação de conta na plataforma de streaming de áudio SoundCloud¹⁰.

Dentro deste processo de construção do programa, em uma segunda reunião presencial, os estudantes expuseram o tema de suas matérias para o fechamento da abordagem do tema proposto. Com a pauta encaminhada, todos seguiram para a cobertura factual online, em tempo real, das atividades previstas nos dois eventos que tiveram a cobertura do Polivoz.

Como última tarefa da disciplina, para que fosse possível materializar a experiência do Polivoz, foi feita a sistematização da cobertura da Semana de Comunicação Pública. O evento durou quatro dias e contou com atividades nas seguintes instituições de ensino: Universidade Católica de Pernambuco, Universidade Federal de Pernambuco, Faculdades Integradas Aeso/Barros Melo, Faculdade Joaquim Nabuco, Centro Universitário Maurício de Nassau e Senac. Nestes dias, foram produzidos e publicados, ao todo, no Facebook: 70 fotos, 15 *flashes* e 10 vídeos. Além disso, foram compartilhadas 06 publicações de outros perfis que também noticiaram o evento. O balanço final trouxe os seguintes números: 13.508 visualizações, 803 curtidas e 38 compartilhamentos. Os dados foram contabilizados pela equipe que atuou nas redes sociais.

⁸ <https://www.facebook.com/polivoz>

⁹ <https://instagram.com/polivozpe>

¹⁰ <https://soundcloud.com/radiopolivoz>

O momento que se seguiu à cobertura em tempo real dos dias do evento foi caracterizado pela discussão, em um terceiro encontro presencial, de como transformar esse material bruto, fruto da cobertura factual, em reportagens especiais que seriam utilizadas no programa de rádio, com o desafio de tornar os produtos jornalísticos atemporais. Como primeiro passo, foi criado o espelho do programa. Posteriormente, os três apresentadores se reuniram em outros três momentos distintos para desenvolver o script.

Ao longo de todo esse processo, o uso do grupo secreto do Facebook foi uma extensão da sala de aula onde todos puderam postar, seja para tirar dúvidas, fazer perguntas, consultas ou postar textos, informações sobre tempo e deixas das matérias. Depois da opinião dos integrantes do grupo, de forma colaborativa, os estudantes finalizaram suas produções.

O programa Polivoz Especial Comunicação Pública foi exibido com onze reportagens de rádio, ao todo, com os seguintes temas/ retrancas: 1. Regulação/Mídia (Rebeka Rodrigues); 2. Regulamentação/Proposta (Agostinho Santiago); 3. Dificuldades/Qualidade (Mayara Ezequiel); 4. Direitos Autorais (Maria Eduarda Barbosa); 5. Audiovisual/Distribuição (Marina Meireles); 6. Voz/Regionalização (Kamyla Brito); 7. Radialista/Mercado (Karoline Gomes); 8. Áudio/Qualidade (Marcela Moreira); 9. Imagem/Qualidade (Marina Araújo); Comunicação/Saúde (Tatiana Ferreira); e 10. Adesão/Mobilização (Eliane Lima). Durante o programa houve ainda um debate sobre as temáticas exibidas com um dos coordenadores do evento, Felipe Peres Calheiros.

Além das matérias e entrevistas, o Polivoz ainda contou com quatro spots educativos e temáticos que foram produzidos e inspirados nos princípios da Comunicação Pública, instituídos pela Lei nº 11.652, de 7 de abril de 2008, e que serviram de base durante a apuração das pautas, entre eles:

1. Produção e programação com finalidades educativas, artísticas, culturais, científicas e informativas;
2. Promoção da cultura nacional, estímulo à produção regional e à produção independente;
3. Não discriminação religiosa, político-partidária, filosófica, étnica, de gênero ou de opção sexual;
4. Observância de preceitos éticos no exercício das atividades de radiodifusão;
5. Participação da sociedade civil no controle da aplicação dos princípios do sistema público de radiodifusão, respeitando-se a pluralidade da sociedade brasileira (BRASIL. Lei nº 11.652, de 7 de abril de 2008).

Desse modo, a produção deste material também permitiu aos alunos uma incursão sobre a legislação que dispõe sobre a Comunicação, possibilitando, assim, um espaço para a

reflexão e debate sobre o a dialética das relações entre legislação, prática profissionais, mercado e demandas sociais, culturais e econômicas contemporâneas.

Depois de pronto, o programa Polivoz Especial Comunicação Pública foi disponibilizado na plataforma do SoundCloud¹¹. E em seguida, compartilhado na fanpage para que fosse disponibilizado para os internautas. Todos os conteúdos produzidos durante a cobertura feita pelos estudantes estão disponíveis na Fanpage do grupo.

Além disso, o programa foi submetido ao Comitê de Conteúdo da Rádio Universitária, no Recife, onde foi aprovado e veiculado posteriormente na grade de programação¹².

Considerações finais

O Polivoz foi traçado com base em estratégias educacionais desde a sua concepção. A hierarquia horizontalizada contribuiu para que os alunos percebessem o quão proativos podem ser em suas atividades dentro e fora da sala de aula. Ter a liberdade para tomar iniciativas e solucionar juntos os desafios fez do grupo não somente conhecedor dos temas propostos, mas emancipou os sujeitos envolvidos no processo para que trilhem seus próprios caminhos a partir de um ambiente favorável ao conhecimento de forma crítica e autônoma.

O trabalho em equipe fortaleceu a comunicação e a sintonia entre os integrantes do grupo, favorecendo, assim, o clima de confiança mútua e aprendizado colaborativo. Mais do que a produção de programas, o Polivoz cooperou para que fosse possível descobrir habilidades dentro das técnicas previstas para o Radiojornalismo em diálogo com a internet. Aumentou, ainda, a capacidade de ouvir e de compreender as habilidades uns dos outros.

O papel da professora na disciplina foi o de impulsionar o ânimo dos alunos para que se tornassem donos das próprias ideias. Foi de mediação e orientação nos momentos de dúvidas e incentivo a buscar soluções dentro do que a disciplina previa. Uma postura de mediadora ao invés de mera depositária dos saberes. A prática vivenciada durante o Polivoz dialoga com o pensamento de Moran (2009):

Educar é colaborar para que professores e alunos – nas escolas e organizações – transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. E ajudar os alunos na construção de sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional – do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e

¹¹ No endereço: <https://soundcloud.com/radiopolivoz/programa-polivoz-especial-comunicacao-publica>

¹² Mais informações disponíveis em: <http://www.unicap.br/assecom1/?p=56082>. Acessado em 02 de julho de 2016.

profissionais e tornarem-se cidadãos realizados e produtivos. (MORAN, 2009, p. 43).

O processo desenvolvido através das práticas educacionais se mostrou fundamental na aprendizagem. Isso se tornou possível porque, além do amadurecimento na prática e na produção de conteúdos para o Polivoz, foi possível aprender a trabalhar em equipe por meio da diversidade na rotatividade de funções, já que havia a possibilidade de vivência em múltiplas tarefas, como as de produtor, apresentador, repórter e social media.

Assim, pode-se concluir que o método desenvolvido no Polivoz é uma experiência relevante de ensino das técnicas do rádio-jornalismo com práticas educacionais em um ambiente formal de educação, que contribui para o fortalecimento do Jornalismo na formação dos estudantes, através de experiências comunicacionais contemporâneas e leitura crítica de mídia. A partir dele, é possível observar posturas mais protagonistas e emancipatórias dos sujeitos envolvidos, que estão saindo da universidade para ocupar as vagas do mercado tendo uma outra compreensão de seu papel social diante da Comunicação.

REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Doravante, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

LIMA, Venício Artur de. **Mídia: Teoria e Política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

MEDITSCH, Eduardo Barreto Vianna. **O Rádio na Era da Informação: Teoria e Técnica do Novo Rádio-jornalismo**. Florianópolis: Insular/Edufsc, 2007.

_____. A informação sonora na webemergência: sobre as possibilidades de um rádio-jornalismo digital na mídia e pós-mídia. In: MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano Maurício. **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Editora Senac, 2010. p. 203-238

MORAN, José Manuel. **Mudanças na Comunicação Pessoal**. São Paulo: Paulinas, 1998.

PARADA, Marcelo. **Rádio: 24 horas de Jornalismo**. São Paulo: Editora Panda, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: Segmento/ECA/USP, n. 19, ano 7, set/dez 2000. p.12-24,.